



Uruguai 1930. A cobertura da imprensa brasileira na primeira Copa do Mundo¹

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro (Mestrando)²
UERJ/RJ

Resumo: O maior evento esportivo do mundo terá sua vigésima edição no Brasil em 2014. Pouco se discute sobre a sua primeira edição, realizada no Uruguai em 1930. O mundo vivia um período entre guerras e a FIFA se consolidava como entidade de comando do futebol no mundo. A cobertura da imprensa nacional já anunciava como seriam as outras coberturas de Copa do Mundo. A briga entre paulistas e cariocas ocasionou a não ida dos paulistas e o enfraquecimento da seleção. Curiosidades e casos inacreditáveis ajudam a entender como o futebol ainda engatinhava, mas já era uma paixão nacional.

Palavras-chave: futebol; copa; Uruguai; 1930; imprensa

Introdução

Show de imagens, os maiores astros do futebol mundial, ingressos caros, estádios ultramodernos que custam bilhões de dólares e uma audiência fantástica em todo o mundo. Assim é a Copa do Mundo, que o Brasil sediará pela segunda vez em 2014. O evento se tornou, ao longo do tempo, mais disputado, organizado e divulgado.

Mas a sua primeira edição em 1930, não foi tão glamorosa assim. Poucos países se inscreveram, pouca gente assistiu, e apenas um estádio foi construído para a competição. Mas a forma com que ele foi disputado e a rivalidade presente em campo concretizava o que o presidente da FIFA na época já acreditava: o futebol se tornaria um esporte popular no mundo.

1 Trabalho apresentado no GT de História do Jornalismo, integrante do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.

2 Mestrando em Comunicação e Cultura pela UERJ. Possui Graduação em Comunicação Social pela UFJF (2006) e Especialização em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte pela FACHA-IGEC (2012). Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Esporte e Cultura da UERJ e do Grupo de Pesquisa Comunicação e Esporte, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Autor do livro GARRINCHA X PELÉ: A Influência da mídia na carreira de um jogador (2012) e vários artigos relacionados ao esporte e a mídia. Atua principalmente nos seguintes temas: Rádio, TV, Jornalismo Esportivo, Copas do Mundo e Identidade Nacional. filipemostaro@hotmail.com

No Brasil ele já era popular e a cobertura da imprensa nacional mostra isso. Apesar das acusações constantes entre os jornais paulistas e cariocas, a Copa do Uruguai mostrou como a imprensa do “país do futebol” se comportaria no evento mais importante desse esporte e o quanto ele se enraizava na cultura nacional. Neste artigo, analisamos os jornais cariocas *A Noite* e *Jornal do Brasil* e os paulistas *Folha da Manhã* e *Estado de São Paulo*, entendendo a importância dos jornais como objeto de estudos históricos.

A Copa de Mundo de 1930

O futebol como conhecemos hoje teve início na Inglaterra, que, por influência de seu imperialismo no final do século XIX, expandiu essa forma do jogo pelo mundo. Os ingleses criaram as regras e fundaram o *association football*. Dessa nomenclatura vem o *soccer*. As(soc)iation e o prefixo “er” inglês. O esporte foi usado pelos britânicos para disciplinar e promover a ordem social nos operários e na sociedade, dominado pela elite cheia de interesses materiais.

Os jogos foram introduzidos como estrutura de caráter, ensinando as virtudes de lideranças, lealdade e disciplina, sintetizando a nobre filosofia de *mens sana in corpore sano*. Os novos “cavalheiros cristãos” deveriam manter a ordem política e econômica no lar e, mais tarde, dar sustentação à expansão do império no exterior. (HARGRAVES apud. GIULIANOTTI, 2010, p.18)

O futebol ganhou força pelo mundo e a Inglaterra não conseguiu manter o controle administrativo e político do esporte. A maior prova disto foram sete nações que se reuniram e se organizaram na *Fédération Internationale de Football Association*, o nome significativamente francófono tentava quebrar o domínio britânico. Foram Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça os primeiros integrantes da federação que comandaria o esporte mais popular do mundo. A FIFA foi fundada em 1904 e ainda viveu à sombra dos dirigentes ingleses que tinham um número de cadeiras maior no seu conselho e mantinham a entidade sob seu controle. Em 1906 o tesoureiro da FA inglesa, B. Wollfall, foi indicado para presidente da FIFA, e a relação com os outros países foi de cordialidade até 1911. Depois de alguns desentendimentos sobre novos participantes da entidade, como a Alemanha (já demonstrando o clima de guerra da Europa), e a briga sobre amadorismo, a Inglaterra rompeu com a FIFA.

Como o futebol reflete a história do mundo, o predomínio do imperialismo britânico perdeu força no início dos anos 20, e, conseqüentemente perdeu força também

no futebol. O presidente da FIFA, na ocasião Monsieur Jules Rimet, francês, queria organizar um Campeonato Mundial de seleções sem ter a influência do Comitê Olímpico Internacional (COI). O COI queria o futebol como um evento apenas para amadores e divergia da FIFA, que queria a profissionalização.

Nos Jogos de 1900 e 1904, escolas de futebol disputaram o torneio representando países, assim Upton Park FC (Grã-Bretanhã) foi o primeiro campeão olímpico, vencendo o Club Française na final e o time canadense Galt City FC venceu em 1904. Em 1908 e em 1912 a Grã –Bretanha venceu a Dinamarca nas duas finais. Em 1920, já sob organização da FIFA mas dependente do COI, a Bélgica foi campeã. Em 1924 e 1928, o Uruguai ganhou o título de celeste olímpica devido a seu uniforme azul cor do céu, e as duas medalhas de ouro. Mas, como os próximos jogos olímpicos seriam em Los Angeles, o COI resolver retirar o futebol da disputa já que no país sede, EUA, o futebol americano, derivado do *rugby*, tinha mais fama e popularidade do que o *soccer*. Isso demonstra bem a política americana de criar coisas próprias e não absorver os esportes de outros países. Já que, com a certeza, depois de 1928 o futebol seria excluído das Olimpíadas, foi realizada uma assembleia em Amsterdã no dia da abertura dos jogos de futebol. Uma reunião do comitê da FIFA decidiu criar a Copa do Mundo. O evento, paralelo ao olímpico, também seria realizado de quatro em quatro anos. Os países Espanha, Suécia, Itália e Holanda e Uruguai se inscreveram para ter a honra de sediar a primeira copa da história.

No dia 18 de julho de 1929 em um congresso extraordinário da FIFA em Barcelona, no hotel Imperador, os 18 membros decidiram pelo Uruguai. Os motivos eram homenagear o país que comemoraria seu centenário no ano da realização da copa e um prêmio pelo bi-campeonato olímpico em 24 e em 28, que na época valia como campeonato mundial. A escolha do Uruguai era um marco para o surgimento de um novo mundo, sem o poderio e domínio britânico e com o reconhecimento dos países americanos e sul-americanos. Alguns europeus protestaram, principalmente os que tinham se oferecido para sede, mas Rimet gostaria que o torneio acontecesse longe dos olhos europeus e do COI.

O Uruguai se comprometeu a pagar todas as despesas dos participantes, mas os europeus não queriam se desgastar com a longa viagem de navio de três semanas. Um ano antes para o início da Copa nenhuma seleção europeia tinha se inscrito. Alemanha, Suíça, Hungria, Áustria, Itália, Holanda e Tchecoslováquia desistiram. É claro que os franceses, compatriotas de Rimet, foram para o mundial. Juntamente com os romenos,

impulsionados pelo seu recente eleito presidente Carol, que escalou e convocou os jogadores, que também vieram. Os belgas, pela relação amigável com Rimet e primeiros campeões de um torneio de seleções organizado pela FIFA e os iugoslavos completaram a lista. Itália e Espanha iam embarcar no Conte Verde, mas não compareceram. Há menos de um mês do pontapé inicial não se sabia quais seleções disputariam a Copa, qual seria a fórmula de disputa e quantas seleções iriam ao Uruguai.

Enquanto os europeus embarcavam para a longa viagem, o Uruguai construía o estádio Centenário, um dos maiores do mundo na época. A chuva constante deixou o canteiro de obras um imenso lamaçal e mesmo com a Copa começando no dia 13 de julho, somente no dia 18 de julho o estádio ficou pronto e foi inaugurado, exatamente no dia da comemoração do centenário do país. Foram usados os estádios Parque Central, do Nacional e o Póbitos, do Peñarol, para os demais jogos.

Disputaram a Copa: Uruguai, Peru, Argentina, México, Chile, Brasil, Bolívia, Paraguai, México, Iugoslávia, Romênia, Bélgica e EUA. Foi a única Copa do Mundo que os países europeus não foram maioria, devido aos fatos já descritos acima. Os sul-americanos participaram em peso, e qualquer equipe que tivesse se inscrito disputaria o Mundial. Bem diferente de hoje, onde as eliminatórias movimentam o mundo inteiro. Todos os 210 países filiados à FIFA participam com o mesmo sonho: disputar a fase final da competição. Desses 210, apenas 32 times chegam para a disputa e sabem com seis meses de antecedência quem são seus adversários, a fórmula de disputa, em que local e hora o jogo será realizado. O evento cresceu e se tornou o maior evento esportivo do planeta. Um detalhe bastante significativo é a força política da FIFA que possui mais países afiliados do que a Organização das Nações Unidas (ONU).

O Brasil viveu o clima da Copa, já que as delegações do México e EUA que a bordo do Munargo, deram uma parada no porto do Rio de Janeiro antes de seguir para a disputa no Uruguai, treinaram no campo do Fluminense e do Botafogo e passearam pela “Cidade Maravilhosa”. Até o embaixador mexicano foi visitar seus compatriotas e desejar boa sorte no torneio. Já o Brasil embarcou dia 2 de julho, no mesmo SS Conte Verde que trazia os europeus que partiram no dia 22 de junho. A multidão fez uma festa para a seleção, com banda de música, execução do Hino Nacional e Hino da Bandeira e, com escolta da Marinha Armada até o “vapor” ganhar o oceano. “O Conte Verde transpunha a barra levando em seu bojo os depositários da esperança de todos os

verdadeiros sportmen de nossa pátria.”³ (JORNAL do BRASIL, 3/07/1930) A exceção foi a Iugoslávia, penúltima a chegar à bordo do navio SS Florida, à frente somente da Bolívia que quase não participou devido à revolução no país com o coronel Júlio Sanjunos assumindo e o presidente Siles se refugiando no Brasil.

A bordo do Conte Verde seguiam as delegações, os dirigentes da FIFA e a taça do mundo que o presidente encomendou a Abel Lafleur, que cobrou 50 mil francos pelo serviço, e valia 1.800 libras, feita de ouro maciço, pesando mais de 4 quilos. Segundo Rimet o ouro era para demonstrar a pureza do esporte. E o mesmo Rimet, dentro do Conte Verde elaborou a fórmula de disputa e os cabeças de chave do torneio. Definiu-se Argentina, Brasil e Uruguai como os cabeças de chave e na dúvida sobre Paraguai e EUA, colocaram os dois no mesmo grupo. Dividiram as seleções em 4 grupos, sendo 3 com três times e 1 com quatro equipes. Estava definida a tabela da primeira Copa do Mundo. O Conte Verde chegou no porto de Montevideo no dia 5 de julho à tarde, sendo recebido com uma imensa festa.

Dois jogos abriram a Copa do Mundo: França e México e Bélgica e EUA. Coube ao francês Lucien Laurent, aos 19 minutos, marcar o primeiro gol na história das Copas do Mundo. O Uruguai teve dificuldades para vencer seus jogos na fase de grupos, mas conseguiu se classificar e ganhar a vaga nas semifinais. Na sua estreia, no dia 18 de julho contra o Peru, metade da população da capital uruguaia estava no Estádio Centenário, que finalmente sediava um jogo de Copa e era inaugurado. O resultado do jogo, 1 a 0 para o Uruguai. Os argentinos também tiveram dificuldades com os adversários e com a torcida uruguaia, que não tratou cordialmente os seus vizinhos, o que valeu uma nota de protesto da AFA (Associação de Futebol Argentino), cujo presidente Pigner foi pedir explicações que foram prontamente respondidas pelos uruguaios. Os argentinos tinham o técnico mais novo de uma Copa: Juan Jose Tramutola, de apenas 27 anos. No outro grupo, os EUA conseguiram a classificação e a maior zebra para todos os especialistas foi a derrota brasileira para o Iugoslávia, que classificou a seleção dos balcãs e eliminou o Brasil. O time, com vários problemas e brigas entre as federações não conseguiu superar o frio e os iugoslavos na estreia e perdeu por 2 a 1. O frio era tanto que, cada jogador foi obrigado pelo técnico a jogar de blusa de lã por baixo do uniforme branco da seleção. Tudo para superar a temperatura de -3°C. O Brasil depois venceu a Bolívia, mas não se classificou para a surpresa de

³ Todas as citações retiradas dos periódicos da época foram modificadas para as normas e grafia da língua portuguesa atual, visto que várias palavras e expressões eram diferentes das usadas hoje.

todos. A equipe voltou para o Brasil a bordo do Sierra Morena e os jornalistas daquela época já pegavam no pé dos jogadores por conta de sua forma física. As manchetes após o desembarque era que todos os jogadores tinham engordado com a excursão. (OS SPORTS, 1930, 29/7)

No Uruguai seguia a Copa e para o sorteio das semifinais, dividiram Argentina e Uruguai. Coube aos uruguaios, após o sorteio, enfrentar os algozes do Brasil e os argentinos enfrentarem os americanos. Placar igual em 6 a 1 nos dois jogos e uma guerra nos jornais para afirmar quem era o melhor time e qual adversário era mais complicado, cada país inclinando-se com clareza para os seus compatriotas. A decisão de 1928, 2 a 1 para o Uruguai na final dos Jogos Olímpicos ainda estava viva na memória dos torcedores argentinos e uruguaios. Essa seria a revanche para os argentinos e a confirmação de sua superioridade no mundo do futebol para os uruguaios.

A final rendeu incidentes diplomáticos entre as duas nações. Cerca de 50 pessoas apedrejaram a embaixada uruguaia na Argentina após a derrota de 4 a 2. A AFA rompeu com a federação uruguaia depois da final. Cerca de 3.000 argentinos que seguiam para Montevideo para assistir à final, ficaram presos em um nevoeiro no rio da Prata e não conseguiram chegar a tempo ao Uruguai. Na Argentina, a população foi para a porta dos jornais e para as praças acompanhar os lances do jogo que chegavam pelo telegrama e telégrafo e eram anunciados pelo rádio. O comércio, assim como no Uruguai, foi fechado.

A decisão é recheada de boas histórias. Tendo atuado como “bandeirinha” no primeiro jogo da Copa entre México e França, caberia ao brasileiro Guilherme de Almeida Rego apitar a primeira final de copa da história. Preferido de Rimet, ele recusou a oferta pois tinha “deveres imperiosos que o chamavam ao Brasil”(DIÁRIO ESPORTIVO, 1930) e não teve que resolver o primeiro problema logo antes da bola rolar. Todas as bolas que foram usadas na Copa eram de fabricação argentina, mas na decisão, o clima era tão ruim que os uruguaios não confiaram nos esféricos dos “hermanos” e relutaram em entrar em campo caso não jogassem com a sua própria bola. O árbitro Sr. Jean Langenus, da Bélgica, teve que tomar uma decisão. Jogou-se cada tempo com uma bola, coincidência ou não, os argentinos venceram com a sua no primeiro tempo: 2 a 1; e os uruguaios venceram com a deles 3 a 0 no segundo tempo. Destaque também para as duas táticas das equipes na decisão. Os técnicos formaram as equipes com um 2-3-5, demonstrando a ofensividade do futebol naquela época. Os jogadores uruguaios receberam um incentivo a mais. O atleta que marcasse o gol do

título ganharia um “lindo chalet, situado no lugar mais pitoresco de Montevideo” oferecido pela “Casa Picernas Construtora”(OS SPORTS, 1930, 29/7). Hector Castro, marcou aos 89 minutos de jogo, sacramentou a vitória celeste e deve ter passado bons momentos em seu novo chalet. Em todos os jornais os anfitriões foram tratados como tricampeões mundiais, já que o bicampeonato olímpico valia como uma Copa e era o campeonato promovido pela FIFA antes dela. Três atletas estiveram presentes nas três conquistas: Andrade, Scarone e Cea. Esses foram os primeiros tricampeões mundiais de futebol. O filho de Andrade, Victor Rodriguez também seria Campeão do Mundo em 1950, no Brasil.

Foi decretado feriado nacional no Uruguai e os trabalhadores puderam se juntar aos funcionários públicos, que nos dias de jogos trabalhavam pela manhã para poderem acompanhar os jogos e comemorarem logo depois. Detalhe que a final foi disputada em plena quarta-feira às 15 horas e trinta minutos, no dia 30 julho.

Outros fatos curiosos e inimagináveis no dia de hoje aconteceram na primeira Copa do Mundo. O jogador argentino Manuel Ferreyra não jogou contra o México pela primeira fase. Até aí tudo bem um atleta não jogar, o motivo é que mostra como a profissionalização do esporte engatinhava. Ferreyra tinha prova na faculdade. Melhor para a Argentina, pois no seu lugar entrou Stabile, marcou três dos seis gols argentinos no jogo e foi artilheiro da Copa. Depois disso, Ferreyra voltou ao time, mas em outra posição.

Outro personagem curioso foi o técnico boliviano. Não foi pela bela campanha que realizou com seu time, já que perdeu para o Brasil e para a Iugoslávia por 4 a 0. Poderia ser pela situação inusitada no jogo contra os iugoslavos, que após perder um jogador com a perna quebrada, teve que jogar apenas com dez em campo já que não eram permitidas as alterações. Salcedo entrou para a história porque além de técnico, foi juiz no jogo Argentina e México, o mesmo que Ferreyra não pode atuar, vencido por 6 a 3 pela Argentina. E com a recusa do brasileiro em apitar a decisão, foi bandeirinha na final, sendo o primeiro e único boliviano presente em uma decisão de Copa do Mundo até hoje.

É claro que este Mundial não teve a mesma organização, tecnologia e cobertura da imprensa como nos dias de hoje. Mas todo o aparato possível na época foi disponibilizado para o evento. A paixão com que os jornais descreviam os jogos, as manchetes e a importância para a sociedade na época já anunciavam no que o evento se tornaria nos próximos anos e como o futebol cairia no gosto popular. E como foi a

cobertura brasileira nessa primeira Copa? Será que já tínhamos os heróis e vilões dos jogos, o ufanismo em torno do time de futebol nacional?

Cariocas x paulistas: quem perde é o Brasil.

Criar heróis, vilões, criticar em demasia quando perde e exaltar com exageros quando vence não são características apenas da imprensa atual. Em 1930, durante a primeira Copa do mundo, os jornais do Brasil seguiram esse mesmo caminho para falar da maior paixão nacional. Mas além dos jogos do Brasil e do clima de Copa do Mundo que invadiu o país, outro assunto ganhou espaço nas manchetes, antes, durante e depois do evento. Foi a briga entre CBD (Confederação Brasileira de Desportos) e APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos), que teve como principal desdobramento a não ida dos atletas paulistas à competição. Vamos analisar dois jornais cariocas, que ficaram ao lado da CBD, o *Jornal do Brasil* e *A Noite* e os que defenderam os paulistas, *Estado de São Paulo* e *Folha da Manhã*. E também vamos analisar como foi a cobertura da imprensa no evento.

A cobertura do Mundial começou muito tempo antes da estreia do Brasil na competição. O jornal *Folha da Manhã* já trazia em sua edição do dia 8 de maio a preparação da seleção com ênfase à presença massiva dos jogadores paulistas. No dia 15 de maio, o jornal anunciou que os jogadores paulistas foram os primeiros a realizar exames médicos minuciosos para a Copa. A certeza que os paulistas eram realmente os melhores jogadores do Brasil e deveriam ser a base do time nacional foi aumentando com o tempo e criando expectativas em todo o público do Estado. Mesmo antes da convocação final, alguns jogadores paulistas como Bisoca, já eram dados como certos no Uruguai.

Por outro lado os cariocas não criticavam os paulistas e em nenhum momento demonstraram insatisfação com a presença deles. Sabiam que o time ficaria mais forte se o Brasil levasse para o Mundial o que tinha de melhor nos dois Estados. Detalhe que apenas uma vez a comissão técnica treinou atletas de outros Estados, foi no início de maio, em um treino entre cariocas e mineiros. A convocação final teria apenas jogadores de Rio e São Paulo.

Após um treino em São Paulo, o número de jogadores paulistas convocados foi maior, e os jornais da casa tiveram a certeza que até os cariocas tinham se rendido ao seu talento. O detalhe é que o Vasco não tinha liberado alguns de seus atletas para viajar à capital paulista e treinar. Fortes, Nilo, Paschoal, Moacyr e Itália foram os faltosos. A

imprensa paulista bombardeou os cariocas achando um absurdo eles não comparecerem ao treino. A insatisfação dos paulistas com alguns atletas como Fausto, jogador do Vasco, que seria eleito o melhor meia da Copa e apelidado de “maravilha negra”, era evidente e com críticas pesadas. Fausto se defendia afirmando que os paulistas não lhe passavam a bola. Para o treino no Rio de Janeiro convocou-se 15 paulistas contra 12 cariocas. A imprensa paulista elogiou a CBD, afirmando que ela era imparcial e convocava realmente os melhores atletas do país que, por acaso, eram paulistas. Porém, o que aconteceu foi que 8 atletas de São Paulo não foram ao treino. Até os jornais paulistas criticaram, a *Folha da Manhã* foi contundente: “Porque não se pode conceber que estes elementos não se compenetrem da responsabilidade que lhes pesa sobre os ombros como os representantes de um país que se preza de ser um dos mais adiantados em matéria de futebol do continente sul-americano.” (VIDA ESPORTIVA, 1930, 28/05, p.8)

A APEA suspendeu os jogos para as equipes que cederiam jogadores a seleção, as equipes titulares e reservas já estavam praticamente certas, e apenas alguns comentários sobre o pouco tempo de preparação da seleção destoavam no meio da confiança sobre o bom desempenho do Brasil na Copa. Ia tudo bem até que a CBD não chamou entre os 15 de São Paulo convocados, o atleta Feitiço, para os dois últimos treinos no Rio de Janeiro. Começou então uma guerra para colocar os atletas preferidos dos paulistas na seleção. Enquanto os cariocas preferiam em algumas posições os atletas que jogavam em seus clubes. Qualquer semelhança com os dias atuais não é mera coincidência.

A *Folha da Manhã*, que era o jornal oficial da APEA, estampou em suas manchetes que a Associação deveria intervir frente à CBD e exigir a convocação de Feitiço, e aproveitou para pedir a convocação de Ministrinho e Gogliardo que julgavam serem os melhores. Citou também que a Associação não tinha nenhum representante na comissão técnica da CBD e era dever da entidade colocar membros paulistas já que a maior quantia para a viagem tinha sido fornecida pela APEA. Analisou a convocação do carioca Luisinho como absurda e creditava a Cunha Bueno, dirigente do futebol carioca. A CBD passou a ser injusta na convocação. Os paulistas passaram a exigir um membro na comissão técnica com voz ativa nas decisões de convocações e escalação dos atletas. Os cariocas, que já tinham total controle dessa comissão, não aceitaram e começou um jogo de culpas entre os dois Estados sobre quem tinha mais razão, quem era mais patriota e quem tinha os melhores jogadores, o que só fez mal à Seleção Brasileira.

O estopim para a confusão aconteceu no dia 12 de junho. A CBD enviou um telegrama a APEA pedindo a convocação dos jogadores paulistas. A APEA alegou não ter recebido a tempo o telegrama, fato que foi desmentido pela CBD com o aval da empresa de telégrafos. A APEA dizia que não tinha condições dos atletas viajarem e se ausentarem de seus empregos de forma tão repentina, pois todos tinham afazeres para tratar e uma licença no serviço de um mês para a disputa do Mundial não se conseguiria do dia para a noite, além de não poderem deixar a família. A CBD ficou indignada com o não comparecimento dos atletas paulistas para o último ensaio antes do embarque. Em todos os jornais já se divulgava o time titular e reserva. A não ida se tornou um escândalo e uma afronta aos interesses da pátria no Rio de Janeiro e se tornou totalmente compreensível em São Paulo, tendo em vista os problemas com os atletas em deixar seus empregos.

Imediatamente a CBD exigiu a presença dos atletas, a APEA respondeu que só enviaria se tivesse as suas exigências cumpridas. Por alguns dias os jornais tentaram controlar o escândalo dizendo que os paulistas iriam. “E esperamos, resignados as negociações que se fizerem, no bom ou no mau sentido” (SPORTS, 1930, 18/5 p.8) Poucos dias antes do embarque o assunto voltou à tona e as acusações subiram o tom. Os paulistas se indignaram com os cariocas por terem feito o treino da seleção com os jogadores cariocas no lugar dos paulistas e isso foi a gota d’água. A CBD enviou uma nova lista por telégrafo à FIFA com os novos inscritos e os jornais cariocas passaram a tentar animar seu leitor com estatísticas de que quando a seleção jogou somente com cariocas se saiu muito bem. O sul-americano de 1923 era o mais lembrado, afirmando que os cariocas já sabiam jogar no Uruguai e foi a melhor colocação dos brasileiros jogando fora de casa, segundo lugar.

Já os paulistas desdenhavam a seleção, noticiando as outras equipes do torneio. Culpavam os dirigentes cariocas e afirmavam que já tinham aguentado muita coisa calados durante muito tempo, mas as atitudes intempestivas da CBD não seriam toleradas dessa vez. Chamavam os cariocas de mesquinhos e autoritários e não se esqueciam de criticar Fausto a todo momento, sempre lembrando da não convocação de Bisoca. Segundo o Estado de São Paulo eram “protegidos da CBD que moram no Rio”(SPORTS, 1930, 15/6). A culpa era dos cariocas que já tinham substituído os atletas de São Paulo e consolavam os torcedores que não veriam seus ídolos no Uruguai. Afirmava que os jornais cariocas faziam um complô contra os paulistas e era uma execração pública da APEA. E “os paulistas não se submeterão aos caprichos da Capital

Nacional.”(SPORTS, 1930, 15/6) Afirmava que o Brasil não estava só no Rio. O mesmo Estado de São Paulo rebateu as acusações do jornal *A Noite* que acusou os paulistas de não serem patriotas. “Não nos falem os cariocas em patriotismo e outros sentimentos nobres. Eles não tem autoridade nenhuma para fazê-lo, porque, em todos os seus atos, apenas procuram defender seus interesses particularíssimos, as suas vaidades e suas ambições.”(SPORTS, 1930, 15/6 p.8)

A *Folha da Manhã* noticiou de forma irônica a informação do número de pessoas que a delegação brasileira levaria. Entre os roupeiros e cozinheiros, ironizavam que com o dinheiro de São Paulo levariam até os auxiliares de servente, sub serventes e serventes, além de cachorros e papagaios cariocas.

Qualquer notícia era motivo para cutucar o vizinho. Enquanto apenas os cariocas treinavam no Rio, os titulares venceram os reservas por 9 a 0. Todos os jornais paulistas indagaram o quanto era fraco o grupo do Brasil, enquanto os cariocas, apesar de saberem que era verdade, culpavam os paulistas por não reforçarem o time. O Jornal do Brasil alfineta, um dia depois, de forma cruel o time paulista, que já sabendo que não embarcaria para o Uruguai treinou entre eles. No placar, 6 a 2 para os reservas e o JB não perdoou: “Mas deus é justo e se encarregou de tapar a boca desses perdedores de boas ocasiões de ficar calados”.(DIÁRIO ESPORTIVO, 1930, 18/6) Após uma entrevista ao jornal *A Noite* (12/7), a bordo do Conte Verde, Jules Rimet falou que só tinha visto o futebol brasileiro uma única vez. Foi uma excursão do Paulistano, e afirmou que se os jogadores jogassem com o mesmo entusiasmo que o povo despediu deles no Brasil, seriam campeões. Os paulistas se deliciaram com as manchetes afirmando que somente o futebol de São Paulo era conhecido pelo presidente da FIFA. Enquanto os cariocas depositavam esperanças no time dizendo que o terceiro lugar seria a pior colocação do Brasil. Os paulistas afirmavam que o futebol carioca não sabia atuar em jogos internacionais, e que não tinha se preparado para o mundial. “tem o prazer de deixar margem para que, no futuro, justifiquem os possíveis fracassos”(SPORTS, 1930, 12/6)

Com todo esse clima, a Seleção embarcou no dia 2 de julho com uma festa maior do que as dos dias de hoje. Cada atleta que chegava para o embarque era saudado com gritos de hurras e de seu nome entoado em coro pela população que lotava o porto. Na noite anterior um grande jantar promovido pela CBD teve a presença de autoridades nacionais, que foram saudar os brasileiros e desejar boa sorte. Destaque para o horário que o jantar terminou: “terminando o ágape às 23 horas” (A NOITE 2/7) Na parada em

Santos, Araken embarcou, o único atleta paulista no time. Porém Araken já estava em negociação com o Flamengo, ele tinha sido dispensado do Santos e só faltava a APEA passar os documentos para o Flamengo para ele se regularizar no rubro-negro carioca, daí vem o nome passe a qualquer transação de jogadores.

A primeira exploração da Seleção Brasileira em uma Copa do Mundo foi feita pela empresa Água Santa Cruz. A empresa inaugurou uma nova sede no Rio de Janeiro, levou todos os dirigentes e jornalistas para conhecer a fábrica e cedeu à delegação brasileira 30 caixas da Água Santa Cruz e gêneros de consumo casual: batata, feijão arroz, farinha e conservas para o Hotel Cólón onde a delegação brasileira ficou e para o navio. É claro que ela usou o slogan de “a água oficial dos jogadores brasileiros no Uruguai”.

A estreia brasileira foi amplamente divulgada nas duas capitais, mas o tom dos paulistas no outro dia mostravam o que os cariocas afirmavam: que os paulistas torceram contra. Os jornais anunciaram que transmitiriam a partida.

“ O Jornal do Brasil transmitirá a público, por meio de um alto-falante e em combinação com a UNITED PRESS e Companhia Radiotelephonica Brasileira a narrativa dos jogos em que tomará parte a delegação brasileira. Amanhã, portanto, transmitiremos em seus detalhes o jogo Brasil x Iugoslávia.” (DIÁRIO ESPORTIVO,1930, 13/7, p.10).

No outro dia o JB se desculpou dizendo que não tinha transmitido devido a dificuldades, mas mesmo assim sua redação ficou lotada. Uma multidão também ficou na porta da redação do *A Noite*, que divulgava os resultados e a partida lance a lance, como na internet hoje, de acordo com a chegada dos telegramas do Uruguai. O público vibrava com qualquer informação, “o Brasil entra em campo”, já era uma festa na rua. Detalhe que alguns jornais também fizeram a transmissão, mas com medo da reação da multidão, informavam os lances errados e de acordo com alguns locais de transmissão o Brasil venceu por 3 a 1 o jogo. O que fez algumas pessoas saírem da porta do *A Noite* vaiando o jornal e dizendo insultos de não amor à pátria. O fato é que no outro dia, todos receberam notícia igual e correta: o Brasil era derrotado por 2 a 1 na sua estreia. Não faltaram vilões, os mais atacados foram Fernando e o técnico, não é de hoje que o cargo é criticado. O frio também era um dos culpados, juntamente com os fujões que deveriam estar lá defendendo a pátria e não foram, os paulistas, segundo o jornal *A Noite*. Fausto foi o melhor jogador do Brasil no jogo, segundo os jornais cariocas, já os paulistas não falaram nada de seu desafeto, apenas que o julgamento de quem estava certo em toda a polêmica, se era a APEA ou a CBD, foi feita dentro de campo e como

disse Rimet, o Brasil não estava completo, fazendo alusão ao único time que o presidente da FIFA conhecia, o Paulistano (ESTADO 15/7). E finaliza afirmando que já estava escrito que se o Brasil perdesse a culpa seria deles, os paulistas. O *Jornal do Brasil* e *A Noite* divulgaram um protesto e um abaixo-assinado do Diário nacional “contra a atitude impatriótica e perniciososa dos paredros apeanos, que, vaidosas e egoístas negaram seu valioso auxílio dos jogadores paulistas à Confederação Brasileira de Desportos” (OS SPORTS, 1930, 16/7) e além disso, pedia o embarque imediato dos paulistas para o segundo jogo contra a Bolívia. Chegou-se a falar que o Brasil voltaria antes do segundo jogo, já que esse não valeria de nada, já que a Iugoslávia, vencendo a Bolívia já estaria classificada. Essa ideia de abandono, é claro, não aconteceu.

Nos outros dias, mais resignados com a derrota e já vendendo o próximo jogo, esqueceram-se os problemas e a vitória por 4 a 0 frente a Bolívia, encheu de orgulho os cariocas e fez os paulistas defenderem os jogadores e acusarem somente os dirigentes. Os cariocas afirmavam que a derrota na estreia tinha sido um lapso no grande time e os paulistas jogavam para os dirigentes a culpa.

O jornal *A noite* inaugurou as entrevistas bombásticas depois de eliminações em copa. E mais uma vez Fausto foi o centro das atenções. Depois da derrota por 2 a 1 criticou duramente seus amigos de time. Segundo o “maravilha negra” o time foi medroso. Poly fugia da própria sombra, Araken, o bailarino, era o responsável pela derrota depois de perder um gol feito quando o jogo estava 0 a 0. Nilo e Theophilo também morriam de medo dos adversários. Para Fausto, o goleiro iugoslavo era um demônio, mas os zagueiros só tinham tamanho e assustaram os brasileiros. Um dos únicos poupados foi Preguinho. (OS SPORTS,1930, 18/7) Detalhe que depois da entrevista o Brasil ainda jogaria mais um vez na competição.

Os jornais reproduziam as outras reportagens na íntegra de outros jornais sempre dando o crédito. Os relatos do dia eram passados na ordem que aconteciam, então chegava uma notícia no jornal e eles colocavam, mas logo depois chegava a mudança na informação, e as duas saíam no jornal, e era preciso que o leitor lesse até o final para ter a informação completa. Fotos dos atletas eram colocadas em destaque. Alguns jornais informavam uma coisa em um dia e corrigiam no outro, caso do *A Noite* que colocou que a França tinha vencido o México por 2 a 1 no jogo de estreia da Copa e depois corrigiu: 4 a 1 França. As expressões eram todas inglesas: *shoot, pass, toss, foul*. Por uma decisão do comitê executivo da Copa a imprensa não era cobrada pelo envio de telegramas, o que rendeu agradecimento dos jornais.

Depois da eliminação do Brasil, as notícias caíram consideravelmente, apenas as semifinais e a final da Copa tiveram destaque, com uma foto dos tricampeões do mundo, os uruguaiois, em todos os jornais brasileiros após a conquista. Mas mesmo com a conquista do Uruguai o Brasil ainda afirmava ser o melhor do mundo. Essa passagem do *A Noite* mostrava que as feridas da briga entre paulistas e cariocas demorariam a cicatrizar:

“Por que venceram eles? Melhores de todos? Sim...; Tecnicamente? Talvez não! E por que se fizeram campeões então? Eis o motivo: o Campeonato devemos os uruguaiois devemos à maneira como reuniram os seus melhores elementos, sem quebra do entendimento, da harmonia, de tudo isto que, paulisticamente, nos faltou”(OS SPORTS, 1930, 31/7).

Essa afirmação além de criticar os paulistas, já anuncia como seria o papel da imprensa após as derrotas brasileiras em Copas: sempre algum culpado e o Brasil continua sendo melhor, e se jogasse como Brasil venceria a Copa. Um fato que ajudou a reforçar essa superioridade brasileira foi o amistoso contra a Iugoslávia no dia 10 de agosto, com a vitória brasileira, praticamente com o mesmo time, por 4 a 1.

Considerações finais

A Copa do Mundo de 1930 pode ser considerada um sucesso. Naquela época se atrever a fazer qualquer coisas que não fosse na Europa podia ser sinal de fracasso. Mas Rimet conseguiu o que queria, mostrou que a FIFA estava aberta para os outros continentes e países e demonstrou aos europeus que havia mundo e futebol longe do velho continente. Mesmo com poucos participantes e uma fórmula complicada, a emoção e rivalidade estiveram presentes e começaram a escrever a história desse evento. Depois disso a Copa ganhou a participação de outros continentes, cresceu em números de participantes, economicamente, midiaticamente, em investimentos e hoje rende bilhões de dólares à entidade que controla o futebol no mundo.

Tudo aquilo que existia de modernidade para fazer a cobertura de um evento esportivo foi usado no Uruguai. A imprensa brasileira usou os jornais, os telegramas e telégrafos para mobilizar o país. E dessa forma, a Copa teve emoção e as pessoas na rua torcendo para o Brasil, classificando os jogadores como heróis que defenderiam a pátria no exterior. Inaugurou-se uma forma de cobrir esse evento com o nacionalismo exacerbado, que perdura até os dias de hoje. E também nessa Copa mostrou o quanto os jornais sempre davam mais valor e mais razão para a sua localidade, inaugurando um

bairrismo que sempre foi prejudicial ao jornalismo brasileiro.

A briga entre paulistas e cariocas já demonstravam e iniciava uma guerra fria entre estes dois grandes centros que ainda dura até hoje. Quem reflete mais o brasileiro, o paulista ou o carioca? Os paulistas, naquele tempo, com a arrancada econômica assombrosa, tinham muito dinheiro e queriam exercer além da influência financeira, a política. Já o Rio era a capital do país e todas as grandes decisões eram tomadas lá. Como o futebol estava incorporado a nossa sociedade, essa bipolaridade nacional entrou também no esporte e não tivemos os melhores jogadores do país na época. Entre eles Friedeireich, o primeiro ídolo do futebol brasileiro e Feitiço, grande artilheiro. O Brasil poderia ter vencido a Copa com os paulistas? É uma pergunta difícil, pois desde aquela época o futebol é uma caixinha de surpresa, mas que as chances aumentariam, isso é claro. Serviu para mostrar que com essa eterna discussão entre os paulistas e cariocas, se esquece do resto do país e quem perde no final é sempre o Brasil.

Referências

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol** – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

MURRAY, Bill. **Uma história do futebol**. São Paulo: Hedra, 2000.

Os sports. **A noite**, Rio de Janeiro, p.8-10, 1jun-30jul 1930.

Vida esportiva. **Folha da Manhã**, p.8, 1mai-30jul 1930.

Sports. **Estado de São Paulo**, p.7-9, 1jun-30jul 1930.

Diario Esportivo. **Jornal do Brasil**, p.7-10, 1mai-15ago 1930.